

**ALMAS ALGORÍTMICAS:
REFLEXÕES SOBRE IA E O FUTURO DA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL**

Marcos Camilo de Santana¹

RESUMO

A inteligência artificial (IA) e suas implicações digitais transformam a maneira como a humanidade interage com o mundo e com o sagrado. Este artigo explora a interseção entre teologia reformada e os avanços tecnológicos, propondo um discernimento cristão sobre a dromocracia, a velocidade das decisões algorítmicas e a experiência espiritual. O estudo se baseia nas reflexões de autores como Gene Edward Veith Jr., Michael Horton e Slavoj Žižek, entre outros, para destacar os riscos da IA enquanto ferramenta espiritual e os potenciais positivos de sua integração com a fé cristã. Além disso, aborda a esperança escatológica da igreja diante de um futuro tecnologicamente acelerado, equilibrando discernimento teológico e prática pastoral.

Palavras-chave: inteligência artificial; teologia reformada; esperança escatológica; dromocracia; algoritmos; espiritualidade; discernimento cristão.

21

ABSTRACT

Artificial intelligence (AI) and its digital implications are reshaping the way humanity interacts with the world and the sacred. This article explores the intersection between Reformed theology and technological advancements, proposing a Christian discernment of dromocracy, the acceleration of algorithmic decision-making, and its influence on spiritual experience. The study draws on the reflections of authors such as Gene Edward Veith Jr., Michael Horton, and Slavoj Žižek, among others, to highlight both the risks of AI as a spiritual tool and the potential positives of its integration with the Christian faith. Furthermore, it addresses the eschatological hope of the Church in the face of a future defined by technological acceleration, aiming to balance theological discernment and pastoral practice.

Keywords: artificial intelligence; reformed theology; eschatological hope; dromocracy; algorithms; spirituality; christian discernment.

¹ Marcos Camilo de Santana possui pós-doutorado em **Política, Comportamento e Mídia** no **Labô da PUC-SP**. Doutor em **Comunicação e Mídia**, doutor em **Ministério** pela **Reformed Theological Seminary (RTS)**, mestre em ciência da Religião PUCSP. Além de ser ministro ordenado na **Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPI)**, ele atua como Pastor, Publicitário, professor universitário e criador de conteúdo digital.

1 INTRODUÇÃO

O avanço vertiginoso da inteligência artificial (IA) e a digitalização das relações humanas impõem uma reflexão urgente sobre o futuro da experiência espiritual. Em uma era em que algoritmos se tornam intermediários do cotidiano, até mesmo a fé pode ser mediada e moldada por dispositivos e plataformas digitais. O cristão reformado deve, portanto, discernir não apenas as promessas de progresso, mas também os perigos que essa aceleração pode trazer para a espiritualidade.

Vivemos uma era em que o digital ultrapassa as barreiras da funcionalidade e penetra o território da fé, da transcendência e da subjetividade humana. Com o avanço da inteligência artificial (IA), surgem novas possibilidades — e também tensões — quanto à natureza da experiência espiritual. Pode um algoritmo nos conduzir à verdade última? Seria possível simular uma conversão, um arrependimento ou uma oração com base em padrões de dados? Nesse contexto, este artigo busca refletir sobre o impacto da IA na espiritualidade, questionando os limites entre o que é profundamente humano e o que pode ser artificialmente replicado. Ainda, a ascensão da inteligência artificial (IA) impõe à Igreja uma nova série de questionamentos pastorais, doutrinários e existenciais. Não estamos mais apenas diante de ferramentas digitais úteis à evangelização, mas de sistemas que aprendem, respondem e até “aconselham” com base em bancos de dados massivos. Surge então uma provocação legítima: qual é o futuro da experiência espiritual em uma era algorítmica? O coração humano poderá ser apascentado por códigos? Como manter a integridade da fé cristã diante da tentação de terceirizar o discipulado à tecnologia?

Este artigo busca oferecer uma reflexão teológica reformada sobre essas questões, resgatando os fundamentos da espiritualidade bíblica em contraste com os limites da simulação algorítmica. À luz das Escrituras, reafirmamos que a alma humana — criada à imagem e semelhança de Deus — não é codificável. A IA pode ser ferramenta, mas jamais substituto da presença de Deus, da comunhão dos santos e da Palavra encarnada. Também há, no artigo, uma análise crítica para essa realidade à luz da teologia reformada, com base nos pensamentos de João Calvino, Cornelius Van Til, Gene Edward Veith Jr., e o aporte da teoria da comunicação

contemporânea, especialmente os estudos de Elena Espósito. Postulamos imediatamente que, embora algoritmos possam imitar comportamentos espirituais e fornecer experiências religiosas, jamais poderão reproduzir a regeneração promovida pelo Espírito Santo — que é, segundo a fé cristã, o fundamento de toda verdadeira espiritualidade.

2 A DROMOCRACIA E A VELOCIDADE DO ALGORITMO. UMA FOME ESPIRITUAL NA ERA ALGORÍTMICA

A teologia reformada afirma com clareza que o ser humano foi criado imago Dei (Gênesis 1:26–27). Essa imagem, embora obscurecida pelo pecado, permanece como fundamento ontológico da dignidade humana. A IA, por mais avançada que seja, é fruto da criação humana e não portadora da imagem divina. Para tanto, as "almas algorítmicas" não são almas. São reflexos mecânicos de dados humanos, incapazes de experimentar arrependimento, fé ou graça. Nenhum algoritmo pode chorar diante da cruz. Nenhum sistema pode experimentar regeneração espiritual. O Espírito sopra onde quer (João 3:8) e isso não pode ser replicado em um ambiente de previsibilidade.

23

Mesmo em um mundo saturado de tecnologia e informação, o anseio humano pelo transcendente não desapareceu. Pelo contrário, ele se reinventa sob novas linguagens e dispositivos. Plataformas que oferecem "direcionamento espiritual", "mensagens do universo" ou mesmo "orações automatizadas" têm atraído milhões de usuários. A espiritualidade algorítmica aparece como uma resposta prática à vida fragmentada, ansiosa e sobrecarregada dos nossos dias.

É inegável que a inteligência artificial deixou de ser um tema especulativo para se tornar uma força determinante na cultura contemporânea. Se, inicialmente, algoritmos eram compreendidos apenas como conjuntos de instruções computacionais, hoje eles assumem o papel de mediadores simbólicos em diversas esferas da vida — incluindo a esfera da fé. Ferramentas como chatbots espirituais, aplicações devocionais preditivas e plataformas de aconselhamento automatizado estão moldando não apenas o que as pessoas acessam, mas como experimentam e interpretam o sagrado.

Nesse cenário, levanta-se uma inquietante pergunta: será que a espiritualidade cristã pode ser mediada ou mesmo simulada por sistemas algorítmicos? Esta reflexão se impõe não apenas como questão teológica, mas como desafio cultural, pastoral e epistemológico. Afinal, estamos diante de uma transformação sem precedentes na mediação da fé, com implicações profundas sobre a autoridade, a verdade, a presença de Deus e a própria natureza da alma humana.

[...] Queremos resistir a algumas dessas tendências, mas resistir à “pós-modernidade” sem especificar melhor é como resistir ao fim do segundo milênio. É tarde demais, e aconteceria de qualquer modo (Leithart, 2021. p.13)

João Calvino, em sua célebre afirmação nas *Institutas*, descreve o coração humano como uma fábrica incessante de ídolos (Calvino, 1559). Essa imagem, ainda atual, revela como o homem busca por sentido e adoração mesmo quando Deus não é o alvo. O que temos na era digital é uma nova forma dessa idolatria: ídolos que não têm olhos, mas têm dados; que não ouvem, mas calculam.

24

Nesse sentido, apontamos que não mudamos, somos ainda famintos por comunhão e direção espiritual, passamos a confiar em máquinas para guiar nosso interior. Como apontou Gene Edward Veith Jr., “quando a fé não molda a cultura, a cultura molda a fé” (*Postmodern Times*, 1994). E, nessa inversão, a espiritualidade não nasce mais da revelação, mas da curadoria algorítmica — alimentada por cliques, preferências e padrões de consumo.

Aquelas perguntas fundamentais da alma — “Quem sou?”, “Para onde vou?”, “Como devo viver?” — são respondidas não mais por tradição ou Escritura, mas por tendências digitais, previsões e inteligências treinadas em padrões humanos.

É nesse contexto que a teologia precisa intervir, para discernir os limites entre mediação tecnológica e mistificação cibernética. E aqui, trazemos ainda a contribuição da teoria de Paul Virilio sobre a dromocracia² — o governo pela velocidade — que oferece uma lente crítica para entender a sociedade algorítmica.

² VIRILIO, Paul. *Velocidade e Política: Um ensaio sobre dromologia*. Tradução de Lucia Cláudia Leão. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. Neste ensaio, Virilio desenvolve o conceito de *dromocracia* — um regime de poder baseado na velocidade. A aceleração dos processos sociais, políticos e tecnológicos compromete a mediação reflexiva e inaugura uma nova forma de controle, em que quem domina o tempo domina também a decisão e a ação.

Em um mundo onde a velocidade das decisões e da informação é maximizada por máquinas, o tempo se torna uma mercadoria, e a espera, uma virtude quase esquecida, uma espiritualidade rápida. Lembramos também, portanto, das reflexões de Slavoj Žižek no seu texto *Vivendo no fim dos Tempos* (2012) sobre a alienação das pessoas ao se submeterem aos algoritmos o que nos ajuda, assim, a entender como, na era digital, a vontade humana é constantemente moldada, se não substituída, por previsões feitas por máquinas.

3 A FOME ESPIRITUAL NA ERA ALGORÍTMICA

Mesmo diante do avanço tecnológico e do acúmulo de dados, o ser humano continua faminto — mas não por mais informação, e sim por sentido, consolo e comunhão. Trata-se de uma fome espiritual, enraizada na alienação entre criatura e Criador. Segundo o *Catecismo Maior de Westminster*, o fim principal do homem é “glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”, e tudo o que não se orienta para esse fim deixa a alma inquieta, desnutrida.

25

Esse vazio espiritual é perceptível até nas plataformas digitais. Aplicativos de meditação, orações automatizadas, gurus virtuais e inteligências artificiais que “canalizam” mensagens espirituais atraem milhões de usuários em busca de direção, paz interior ou transcendência. Entretanto, são paliativos. Como escreve o profeta Jeremias: “Eles me abandonaram, a mim, a fonte de água viva, e cavaram para si cisternas rachadas, que não retêm água.” (Jeremias 2.13)

A citação de João Calvino em “Gloriando-se na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” denuncia a cegueira espiritual do ser humano - “Estamos preocupados com as coisas deste mundo. [...] É porque nós não conhecemos as riquezas inestimáveis que Deus está nos oferecendo.”

E, aqui, precisamos, também, trazer um ponto de inflexão interessante do pensamento de Allan Watts³, que afirma que ao mesmo tempo em que reconhecem a fome espiritual moderna, temos uma confusão ao promover uma espiritualidade

³ **Alan Watts** (1915–1973) foi um filósofo, escritor e palestrante britânico, conhecido por popularizar filosofias orientais no Ocidente, especialmente o budismo zen, o taoísmo e o hinduísmo. Embora não fosse teólogo cristão nem acadêmico tradicional no sentido estrito, ele teve grande influência na contracultura e no pensamento espiritual alternativo do século XX.

difusa, muitas vezes desligada da noção de pecado, redenção ou verdade objetiva. Watts popularizou a ideia de que “você é Deus disfarçado”, invertendo completamente a cosmovisão cristã da criatura dependente de um Criador transcendente e redentor. Neste sentido, a alma pode ser algoritma e cuidada por qualquer um ou algo.

No entanto, é nessa proposta sedutora que se ecoa um desejo legítimo: o de ser plenamente conhecido e plenamente aceito. A IA promete isso — simula empatia, oferece conselhos personalizados, aprende nossas preferências. Mas, como diz o Senhor em Isaías 55.2: “Por que gastar dinheiro naquilo que não é pão, e o seu trabalho árduo naquilo que não satisfaz?”

A fome espiritual, portanto, não é uma fraqueza da era digital. Ela é o diagnóstico profundo da nossa condição caída. A diferença é que hoje buscamos saciá-la com algoritmos, dados e interfaces. É preciso recuperar a centralidade do Evangelho — onde Cristo se apresenta como o Pão da Vida (Jo 6.35) e como a verdadeira videira (Jo 15.1), único mediador capaz de saciar e sustentar a alma humana.

A fome espiritual permanece. E, é frequentemente redirecionada — não mais para o Deus vivo, mas para substitutos digitais. Aplicativos prometem paz em poucos cliques. E plataformas sugerem experiências religiosas com base em dados de consumo. Contudo, toda essa espiritualidade mediada pela técnica tem um custo: o esvaziamento da cruz. Ainda sobre João Calvino; em uma de suas exortações mais vigorosas, lamenta que “nós tratamos todas as riquezas espirituais que Deus nos ofereceu [...] como se fossem nada, porque, em comparação com os enganos e tentações de Satanás, nós não as valorizamos de modo algum.” A frieza espiritual do presente não é novidade: ela é apenas atualizada. O problema não está na tecnologia em si, mas no modo como ela nos seduz a trocar o eterno pelo efêmero — os tesouros do céu por feixes de palha digitais.

O apóstolo Paulo, aponta para o verdadeiro centro da espiritualidade cristã: “Quanto a mim, que eu jamais me glorie, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6.14). O cristão não é moldado por preferências, mas pela morte e ressurreição de Cristo. A cruz não é um símbolo opcional entre outros caminhos espirituais: ela é o único caminho para a vida eterna.

A teologia reformada, diante da democracia e da tecnificação da fé, não recua. Ela proclama: o que é oferecido pelo mundo — seja em telas ou rituais personalizados — é vaidade. O que é oferecido por Deus, mesmo sendo escândalo para o mundo, é glória eterna. O chamado, portanto, não é a consumir experiências espirituais, mas a morrer com Cristo e viver por Ele.

4 A ILUSÃO DA NEUTRALIDADE: ALGORITMOS COMO FORMADORES DE ESPIRITUALIDADE

No imaginário contemporâneo, os algoritmos são apresentados como sistemas neutros, objetivos e livres de valor. Entretanto, essa é uma visão simplista e equivocada de sua real operação. Como já indicava Cornelius Van Til⁴, toda epistemologia está enraizada em pressupostos religiosos: não existe neutralidade em qualquer estrutura de conhecimento — seja científica, espiritual ou tecnológica.

Se não se faz o conhecimento humano totalmente dependente do autoconhecimento original e da conseqüente revelação de Deus ao homem, então o homem terá que buscar o conhecimento dentro de si mesmo como ponto de referência final. [...] Esse é o dilema que confronta toda forma de epistemologia não cristã. — Cornelius Van Til, *Christian Theory of Knowledge*, p. 15-16.

Para Van Til, toda tentativa de conhecimento que parte de um ponto de partida autônomo é, em última instância, rebelião contra Deus. Da mesma forma, algoritmos que organizam conteúdos, dirigem emoções e oferecem aconselhamento espiritual não operam em um vácuo, mas estão baseados em lógicas de mercado, padrões culturais e visões de mundo seculares.

Essa crítica se torna ainda mais urgente à medida que os algoritmos deixam de apenas sugerir e passam a prescrever experiências religiosas, orientando comportamentos devocionais. Elena Espósito⁵, teórica da comunicação, argumenta

⁴ VAN TIL, Cornelius. *Christian Theory of Knowledge*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1969. p. 15-16. Tradução nossa.

⁵ SPOSITO, Elena. *Artificial Communication: How Algorithms Produce Social Intelligence*. Cambridge, MA: MIT Press, 2022. Espósito, seguindo a teoria dos sistemas de Niklas Luhmann, argumenta que os algoritmos não apenas processam dados, mas participam da construção de sentido na sociedade. Ela mostra como a inteligência algorítmica gera formas de comunicação artificial que

que os algoritmos não preveem o futuro, mas o produzem, ao antecipar ações com base em dados passados. Isso significa que até mesmo a espiritualidade mediada por sistemas digitais é uma espiritualidade construída por ciclos de retroalimentação — reforçando preferências, evitando confronto e limitando a possibilidade de transformação verdadeira. A fé se torna, assim, uma zona de conforto estatístico, e não um encontro com o Totalmente Outro, para usar a expressão de Mircea Eliade ou Rudolf Otto, nesse caso o Eterno e não o dado.

Nesse ponto, trazemos o pensamento de Peter Sloterdijk (2019), no texto *Pós Deus*, também reflexo de uma sociedade de dados, que oferece uma lente instigante. Em sua trilogia *Esferas*, Sloterdijk propõe que os seres humanos constroem “esferas imunológicas” para proteger-se da hostilidade do mundo. O sujeito moderno vive dentro de ambientes artificiais, onde tudo é mediado, protegido, amortecido. Se as igrejas já são, por vezes, tentadas a serem bolhas culturais, o espaço espiritual algorítmico é a hipérbole dessa bolha: um espaço controlado, sem dor, sem alteridade, sem cruz. Os algoritmos oferecem uma espiritualidade sem abalo, onde o ser humano é apenas reafirmado, jamais confrontado. Essa virtualização do sagrado, no entanto, contrasta radicalmente com a proposta bíblica de espiritualidade.

28

Peter J. Leithart, em *Deep Exegesis*, insiste que o cristianismo é uma fé encarnada, histórica e relacional. A comunhão com Deus se dá através de meios específicos — a Palavra pregada, os sacramentos, a comunhão dos santos. Contra a tendência digital de desencarnar a fé, Leithart relembra que “a graça de Deus se move na história, no corpo e na carne”. Assim, a experiência espiritual não pode ser reduzida a estímulos mentais ou algoritmos emocionais. A igreja é um corpo, não uma interface.

Por fim, lembramos a teologia e ideia de Michael Horton, teólogo e professor reformado amplamente respeitado, conhecido por seu trabalho na área de teologia sistemática, história da igreja e pela defesa da tradição reformada dentro do contexto contemporâneo, quando das suas contribuições em relação à teologia da graça, à centralidade do evangelho e à relação entre a igreja e o mundo moderno –

influenciam decisões humanas, inclusive em contextos religiosos e morais, desafiando a noção de neutralidade tecnológica.

nos adverte, em *Christless Christianity*, que muitas práticas religiosas contemporâneas se afastam do evangelho e se tornam performances egocêntricas, centradas no consumidor espiritual. Quando a fé é mediada por algoritmos, ela corre o risco de se tornar um espetáculo de autoafirmação. Horton denuncia a substituição do evangelho da cruz por um evangelho da autoajuda, da eficiência, do imediatismo. E, nesse sentido, a inteligência artificial, ao operar sob esses mesmos princípios, tende a produzir uma espiritualidade “centrada no eu”, em vez de “centrada em Cristo”.

Esse é ponto crítico, termos a ilusão da neutralidade algorítmica, que precisa e deve ser desmascarada e confrontada. A espiritualidade moldada por sistemas automatizados não é isenta de pressupostos, mas profundamente marcada por interesses comerciais, padrões seculares e técnicas de controle. E é, contra isso, que a teologia reformada confronta – O coração regenerado só pode ser formado pela Palavra e pelo Espírito, e que a verdade de Deus não pode ser substituída por previsões estatísticas. Em tempos de algoritmos espirituais, a igreja precisa resgatar o discernimento, a confrontação com a cruz e a experiência viva com o Deus que fala, age e transforma.

29

5 VERDADE REVELADA E CONHECIMENTO REGENERADO

A espiritualidade cristã, conforme delineada pela teologia reformada, é fundamentada na revelação divina e na regeneração operada pelo Espírito Santo. Cornelius Van Til enfatiza que o verdadeiro conhecimento de Deus não é alcançado por meio de esforços humanos autônomos, mas é concedido pela graça divina através da revelação especial. Nesse contexto, a inteligência artificial, por mais avançada que seja, permanece incapaz de produzir ou replicar a experiência genuína de fé, pois carece da capacidade de mediar a ação regeneradora do Espírito.

Quero trazer para discussão um texto meu – *Uma Nova Fé para um Novo Tempo*, no qual observamos um pressuposto: "A fé cristã não pode ser reduzida a algoritmos ou simulacros digitais; ela é vivida na comunidade, na história e na presença real do Espírito que transforma corações." (Santana, 2019). Essa reflexão

destaca a insuficiência das tentativas de virtualizar a fé, ressaltando que a verdadeira espiritualidade transcende as capacidades da tecnologia e se enraíza na ação soberana de Deus na vida dos crentes.

Além disso, a teologia reformada nos aponta e insiste na centralidade das Escrituras como meio pelo qual Deus se revela e transforma vidas. A substituição da leitura e meditação nas Escrituras por interações com sistemas algorítmicos representa um desvio do caminho estabelecido por Deus para o crescimento espiritual.

Portanto, enquanto a tecnologia pode servir como ferramenta auxiliar na disseminação do evangelho, ela jamais deve ocupar o lugar da revelação divina e da obra regeneradora do Espírito Santo. A igreja é chamada a discernir e resistir às tentações de uma espiritualidade superficial e tecnocrática, mantendo-se firme na fé que é vivificada pela Palavra e pelo Espírito. Perseverança dos Santos, pilar da nossa fé.

30

6 ESPERANÇA ESCATOLÓGICA EM TEMPOS ALGORÍTMICOS

A esperança cristã, em contraste com o imediatismo da IA, repousa na escatologia. A teologia reformada, com sua ênfase no tempo de Deus, nos lembra de que o futuro não é determinado pelos algoritmos, mas pela promessa da restauração final de todas as coisas em Cristo. Em tempos de aceleração tecnológica, a igreja é chamada a cultivar paciência e a esperança na soberania de Deus, aguardando o cumprimento da promessa da renovação do céu e da terra.

Vivemos sob o domínio do que Paul Virilio chamou de dromocracia: um sistema onde a velocidade se tornou a forma dominante de poder. Na era algorítmica, a informação já não é apenas consumida — ela é antecipada, predita, acelerada. O tempo é comprimido; a espera, abolida.

Como nota Slavoj Žižek, “o algoritmo não apenas sabe o que você quer — ele já quer por você”. Essa substituição da vontade humana por uma predição automatizada gera um paradoxo: ao tentar controlar o futuro, perdemos o presente e nos alienamos do eterno. Essa dinâmica atinge a espiritualidade. Esperar no Senhor

parece antitético à lógica digital. Mas, a Escritura nos convoca a resistir: “Aquietai-vos, e sabeis que eu sou Deus.” (*Salmo 46:10*).

Na teologia reformada, a esperança escatológica não é uma projeção otimista do progresso humano, mas uma certeza fundamentada na promessa de Deus. Michael Horton destaca que a escatologia não é apenas sobre “o fim”, mas sobre “o reinício de todas as coisas” sob o governo de Cristo. Em *The Christian Faith*, ele afirma: “Nossa esperança não está em utopias criadas por nós, mas na fidelidade de um Deus que ressuscita os mortos e faz novas todas as coisas.” (Horton, 2009. p. 202.)

Esse contraste é vital. Enquanto a cultura democrática exige resultados imediatos, o evangelho ensina esperança paciente: “Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos.” (*Romanos 8:25*).

A fé reformada nos ensina que o Reino de Deus avança não na velocidade da internet, mas segundo o tempo de Deus, o *kairos* divino. Nenhum algoritmo pode prever ou controlar o agir soberano do Espírito. A igreja, por isso, é chamada a ser um espaço contracultural: um lugar onde se reabilita o ritmo do “**shabat**” (ou “**sabá**”, em português), a espera, o silêncio, a escuta.

Žižek, apesar de não cristão, reconhece que o mundo moderno perdeu a capacidade de esperar. Ele escreve que “talvez o maior escândalo de nossa época seja a oração: perder tempo com o invisível”. Mas é precisamente esse escândalo que redime. A oração, a adoração, a esperança — todas essas práticas espirituais nos libertam da lógica da eficiência e nos reconectam ao tempo da eternidade.

A escatologia reformada nos lembra que a história não caminha para o colapso algorítmico, mas para a plenitude em Cristo: “Eis que faço novas todas as coisas.” (*Apocalipse 21:5*).

7 VOCAÇÃO, CULTURA E DISCERNIMENTO DIGITAL

A vocação cristã, entendida à luz da Reforma, não se limita ao ministério eclesial, mas abrange toda a vida. No contexto digital, o cristão é desafiado a viver sua fé não apenas como consumidor de produtos religiosos, mas como um testemunho ativo da verdade em meio à cultura digital. O discernimento cristão se

torna essencial para separar o bem do mal, a verdade do engano, dentro de um mar de dados e informações.

A Reforma Protestante resgatou a ideia bíblica de vocação como chamada divina para toda a vida, e não apenas para o ministério eclesiástico. Gene Edward Veith Jr., em *God at Work*, explica que “a vocação é o lugar onde Deus nos chama para servir ao próximo com os dons que Ele nos deu”. Isso inclui o trabalho, a vida familiar, a cidadania — e hoje, também, nossa presença digital. No entanto, essa dimensão da vocação, mediada pelas redes e algoritmos, tem sido frequentemente deformada pela lógica da autoimagem e do culto à performance.

A Escritura, no entanto, nos chama a outro padrão: “E tudo quanto fizerdes, fazei-o de coração, como ao Senhor, e não aos homens.” (*Colossenses 3:23*). Este versículo confronta a tentação de viver no mundo digital apenas para agradar algoritmos ou buscar reconhecimento. Em vez disso, a vocação reformada é um ato de adoração: tudo é feito diante de Deus, e não da audiência pública. O crente é chamado a viver com consciência teocêntrica, mesmo na arena invisível dos dados e cliques.

32

Veith alerta que a cultura digital muitas vezes destrói a vocação ao substituir o serviço pelo narcisismo, e o chamado pelo engajamento. Enquanto o algoritmo recompensa a polêmica e a visibilidade, a vocação cristã valoriza o serviço oculto, a integridade e a fidelidade. A sabedoria bíblica também nos orienta sobre como lidar com o excesso de informação e ruído: “Examinai tudo. Retende o bem. Abstende-vos de toda forma de mal.” (*1 Tessalonicenses 5:21–22*)

O discernimento é, portanto, essencial. O crente digital precisa aprender a filtrar o conteúdo não apenas por interesse ou afinidade, mas segundo a verdade da Palavra de Deus. Em um tempo em que a inteligência artificial filtra o mundo por nós, o cristão é chamado a discernir espiritualmente. Essa é uma função que nenhuma máquina pode realizar — pois ela requer temor do Senhor, que é “o princípio da sabedoria” (*Pv 9:10*).

Por isso, a cultura digital se torna tanto campo missionário quanto campo de batalha. O cristão não pode se retirar do mundo, mas também não deve se conformar com ele (cf. *Rm 12:2*). A vocação nos chama a atuar como sal e luz (*Mt*

5:13–14), inclusive nas redes, plataformas e ambientes mediados por IA. Mas, sempre, como testemunhas da verdade, não como seguidores das tendências.

8 CONCLUSÃO: ENTRE O DOM E A TENTAÇÃO — DISCERNINDO O ESPÍRITO DA ERA

A inteligência artificial, embora repleta de potencial, apresenta também um grande risco para a espiritualidade cristã. O perigo está na tentação de substituir a experiência espiritual genuína pela busca de eficiência e controle oferecidos pela tecnologia. O cristão é chamado a discernir e viver em meio a essa era de aceleração, mantendo-se fiel ao Evangelho, à esperança escatológica e ao chamado divino que não pode ser predito ou controlado por nenhuma máquina. Ao fazer isso, a igreja pode usar a IA não como um substituto para a fé, mas como uma ferramenta para expandir o alcance do evangelho, sem perder de vista a soberania de Deus.

A inteligência artificial não é, por si só, o problema. Como toda expressão cultural, ela pode ser vista como uma extensão do mandato criacional — o chamado divino para cultivar e transformar o mundo (cf. Gênesis 1:28). Em certo sentido, os algoritmos e redes neurais são frutos da criatividade humana, que reflete, ainda que de forma caída, a imagem do Criador.

Há potenciais legítimos: o acesso à informação bíblica e teológica foi democratizado; comunidades cristãs foram sustentadas digitalmente em tempos de isolamento; ferramentas de IA já auxiliam na tradução das Escrituras e na alfabetização bíblica em regiões remotas. Esses são dons da graça comum de Deus, e devem ser recebidos com gratidão e responsabilidade. “Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das luzes...” (*Tiago 1:17*).

Contudo, é precisamente na aparência de dom que se esconde a tentação. Como no Éden, o perigo não está apenas na árvore em si, mas no uso desviado, autônomo e desobediente do que Deus criou. A IA oferece soluções rápidas, respostas precisas, previsões seguras — e, com isso, sutilmente desloca a fé, a escuta e a espera que definem a espiritualidade cristã.

O perigo disfarçado está em confiar na máquina o que pertence ao Espírito, substituir a comunhão pelo consumo, trocar o discipulado pela personalização de

experiências religiosas. É o que Paulo chama de uma “forma de piedade negando-lhe o poder” (2 Timóteo 3:5).

“Maldito o homem que confia no homem e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor.” (*Jeremias 17:5*)

A igreja, então, é chamada a um discernimento ativo e profético. Não se trata de rejeitar a tecnologia, mas de submetê-la ao senhorio de Cristo. Precisamos de comunidades que eduquem para o uso ético e espiritual da IA, que cultivem silêncio e oração em meio ao ruído, que testemunhem a verdade em uma época de manipulação informacional.

E, acima de tudo, que anunciem — em meio à lógica algorítmica — que o futuro não está em previsões estatísticas, mas na promessa viva daquele que disse:

“Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim.” (*Apocalipse 22:13*)

Diante da sedução do controle, do desempenho e da personalização extrema, a resposta cristã continua sendo escandalosamente simples: crer, esperar e amar em Cristo. Esse é o verdadeiro código que rege o universo — não feito por máquinas, mas pelo Cordeiro que venceu.

34

REFERÊNCIAS

CALVINO, John. *Institutes of the Christian Religion*. 1559.

ESPOSITO, Elena. *Artificial Communication: How Algorithms Produce Social Intelligence*. Cambridge, MA: MIT Press, 2022.

HOBBS, Thomas. *Leviathan*. Penguin Classics, 1982.

HORTON, Michael. *The Christian Faith: A Systematic Theology for Pilgrims on the Way*. Zondervan, 2011.

HORTON, Michael. *The Gospel-Driven Life: Being Good News People in a Bad News World*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2009.

LEITHART, Peter J. *The End of Protestantism: Pursuing Unity in a Fragmented Church*. Brazos Press, 2016.

SLOTERDIJK, Peter. *You Must Change Your Life: On Anthropotechnics*. Polity, 2013.

VAN TIL, Cornelius. *The Defense of the Faith*. P&R Publishing, 2008.

VAN TIL, Cornelius. *Christian Theory of Knowledge*. Philadelphia: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1969.

VEITH JR., Gene Edward. *God at Work: Your Christian Vocation in All of Life*. Crossway, 2002.

VIRILIO, Paul. *Speed and Politics: An Essay on Dromology*. Semiotext(e), 2006.

VIRILIO, Paul. *Velocidade e Política: Um ensaio sobre dromologia*. Tradução de Lucia Cláudia Leão. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WATTS, Alan. *O Tabu da Sabedoria*. São Paulo: Cultrix, 2001.

ŽIŽEK, Slavoj. *The Sublime Object of Ideology*. Verso, 2008.